



P
**ARA APRENDER
COM A TERRA**
MEMÓRIAS E NOTÍCIAS
DE GEOCIÊNCIAS
NO ESPAÇO LUSÓFONO

Henriques, M. H., Andrade, A. I.,
Quinta-Ferreira, M., Lopes, F. C.,
Barata, M. T., Pena dos Reis, R.
& Machado, A.

Coordenação

A MUSEOGRAFIA COMO FERRAMENTA PARA A
DIVULGAÇÃO DAS GEOCIÊNCIAS: A EXPERIÊNCIA
DO MUSEU DA GEODIVERSIDADE (MGeo – IGEO/UFRJ)

MUSEOGRAPHY AS A TOOL FOR DIFFUSION OF EARTH
SCIENCES: THE EXPERIENCE OF MUSEU DA GEODIVERSIDADE
(MUSEUM OF GEODIVERSITY) (MGeo – IGEO/UFRJ)

A. R. S. F. Castro¹, P. D. Greco², K. Mansur³,
E. M. R. Pereira⁴, M. C. Diogo⁵ & I. S. Carvalho⁶

Resumo – O Museu da Geodiversidade (MGeo) foi criado em 2007 e, desde então, procura possibilitar não só o acesso a museus e à memória, mas ao uso da universidade como um local de partilha de conhecimento. O museu vem atuando diretamente na divulgação das Geociências, utilizando, dentre outros mecanismos, as exposições museológicas. Neste trabalho apresenta-se a Exposição Memórias da Terra do Museu da Geodiversidade (IGEO–UFRJ), refletindo sobre a necessidade dos museus contemporâneos expandirem seu território, musealizando áreas externas, indo ao encontro do público e utilizando a museografia como ferramenta para a divulgação das Ciências da Terra. Hoje, os museus têm que competir com uma cultura de massa muito bem equipada com as maiores tecnologias do entretenimento, intensificando as dificuldades de atrair um público cada vez mais diversificado. O MGeo aceitou esse desafio e desenvolveu, com uma equipe multidisciplinar empenhada na divulgação geocientífica, a Exposição Memórias da Terra, inaugurada em 14 de setembro de 2011. A proposta museográfica buscou desmitificar o conteúdo científico e apresentar a importância das Geociências através de um

¹ Museu da Geodiversidade (MGeo), Instituto de Geociências (IGEO), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Av. Athos da Silveira Ramos, 274, CCMN, Cidade Universitária – 21941-916 – Rio de Janeiro, Brasil; aline@geologia.ufrj.br

² MGeo, IGEO, UFRJ, Rio de Janeiro, Brasil; patricia@geologia.ufrj.br

³ MGeo, IGEO, UFRJ, Rio de Janeiro, Brasil; katia@geologia.ufrj.br

⁴ MGeo, IGEO, UFRJ, Rio de Janeiro, Brasil; eveline@geologia.ufrj.br

⁵ MGeo, IGEO, UFRJ, Rio de Janeiro, Brasil; marcia@geologia.ufrj.br

⁶ MGeo, IGEO, UFRJ, Rio de Janeiro, Brasil; ismar@geologia.ufrj.br

viés estético e interativo e de uma linguagem acessível. Desta forma, o MGeo procura fazer seu papel na preservação e divulgação do Patrimônio Geológico, fazendo uma interseção entre ciência, educação e lazer.

186

Palavras-chave – Museu da Geodiversidade; Exposição Memórias da Terra; Divulgação Científica; Patrimônio Geológico; Geoconservação; Geodiversidade

Abstract – *The Museu da Geodiversidade (Museum of Geodiversity – MGeo) was established in 2007 and, since then, seeks not only allow access to museums and memory, but the use of the university as a place to share knowledge. The museum has been working directly on diffusion of Geosciences, using, among other mechanisms, the museum's exhibitions. This paper presents the exhibition Memórias da Terra (Memories of the Earth) staged at the MGeo (IGEO-UFRJ), reflecting on the need of contemporary museums to expand their territory, by promoting musealisation of external areas to meet the public and to use the museography as a tool for the dissemination of Earth Sciences. Today, museums have to compete with a mass culture very well equipped with major entertainment technologies, what increase the difficulties on attracting an increasingly diverse public. But, the MGeo accepted this challenge and developed, with a multidisciplinary team engaged in disseminating geosciences, the Exhibition Memórias da Terra (Memories of the Earth), opened on September 14, 2011. The museographic proposal sought demystifies the scientific content and present the importance of geosciences through an aesthetic and interactive bias and accessible language. Thus, the MGeo seeks to make its role in the preservation and dissemination of the Geological Heritage, making an intersection between science, education and leisure.*

Keywords – *Museum of Geodiversity; Memories of the Earth Exhibition; Scientific Diffusion; Geological Heritage; Geoconservation; Geodiversity*

1 – Introdução

Os museus são fontes perenes de atualização ao longo do tempo e configuram-se como excelentes ferramentas para o embasamento das informações a serem transferidas em todas as áreas do conhecimento. O papel do museu continua ser o de acondicionar, conservar, documentar, pesquisar e divulgar seus acervos e o conhecimento que deles provêm. Contudo, na sociedade contemporânea, em especial nos países menos desenvolvidos, o caráter social do museu é muito mais acentuado, aumentando a sua responsabilidade para com o público.

Nos museus científicos, as ciências e as tecnologias são apresentadas, refletidas e desmitificadas, tornando a informação acessível à sociedade. Todo museu atua também como um instrumento formativo no processo educacional, sem ter a pretensão de substituir o ensino formal, mas sim de complementá-lo e aprofundá-lo, cada qual de acordo com as suas temáticas e características.

As instituições de ensino podem e devem utilizar os museus como seus aliados no processo de aprendizagem, pois, no âmbito do processo educativo, ampliam as possibilidades de comunicação, quer pelo uso dos acervos, quer pelo estímulo à criatividade e ao desenvolvimento do senso crítico aos conceitos ministrados e à sedimentação do conhecimento, através das exposições.

Os museus atuais têm que competir com uma cultura de massa muito bem equipada com as maiores tecnologias do entretenimento, como se pode observar nos mais modernos parques, cinemas, casas de jogos eletrônicos, entre outros. Contudo, o trabalho realizado nestas instituições não é o mesmo, nem pode se confundir com o dessas indústrias, já que os museus trabalham, sobretudo, com a educação, no intuito de promover e ajudar o desenvolvimento cultural e social dos cidadãos (STUDART, 2004).

O grande desafio do Museu está em conjugar educação e lazer (STUDART, 2004). Para isso, ferramentas como os projetos educacionais, associados à museografia criativa, são de vital importância, assim como clareza sobre os objetivos do museu. O incentivo e capacitação de todos os funcionários também são fundamentais, pois é essencial que todos saibam do papel de inclusão social e de educação do museu.

Por isso, este trabalho tem por objetivo apresentar e discutir a museografia da exposição Memórias da Terra do Museu da Geodiversidade (Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ), inaugurada em setembro de 2011 e refletir sobre a necessidade dos museus contemporâneos em expandir seu território, musealizando áreas externas, indo ao encontro do público e divulgando as Geociências.

2 – A Musealização do entorno do Museu da Geodiversidade

O Museu da Geodiversidade (MGeo) foi criado em 2007 pelo Instituto de Geociências – IGEO e localiza-se na Ilha do Fundão, Cidade Universitária da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. O museu abriga a terceira maior coleção de fósseis do país, catalogada pelo sistema Paleo, do Serviço Geológico do Brasil, de acervos disponíveis na Internet. Compreende aproximadamente 20.000 minerais, rochas, solos e fósseis, além de fotografias, instrumentos de uso em geociências, mapas, documentos e livros raros (CASTRO *et al.*, 2011).

Deste acervo fazem parte materiais de extrema raridade como meteoritos, holótipos de fósseis brasileiros (tipos de referência científica), minerais e rochas raras coletados ao longo de mais de 50 anos (CASTRO *et al.*, 2011). O MGeo busca uma representação das geociências que permita o entendimento do porquê, onde e como se observam os fenômenos que retratam a história geológica da Terra. Em outras palavras, busca se aproximar da sociedade relacionando a geodiversidade com o homem.

Desde que abriu suas portas, o MGeo logo mostrou seu enorme potencial transformador, o que levou seus fundadores a empenhar-se na sua consolidação enquanto instituição museológica. A primeira conquista nesse sentido foi a reunião de uma equipe interdisciplinar voltada para o seu gerenciamento, que conta principalmente com museólogos, educadores, paleontólogos e geólogos. O passo seguinte foi a sua contextualização e integração ao Plano Diretor UFRJ 2020, que objetiva tornar o espaço da Cidade Universitária de fato num complexo para uso não só da comunidade acadêmica, mas da sociedade como um todo.

Tomando partido nesse plano, o MGeo passou não só a tratar da compreensão do passado geológico da Terra e da valorização do patrimônio geológico que nos foi legado, mas também do passado geológico e histórico da formação da Ilha do Fundão, através de uma parceria com o projeto “Caminhos Geológicos”, que mapeia e sinaliza com painéis interpretativos os pontos de interesse geológico do estado do Rio de Janeiro.

Outra forma de valorização do espaço público em que está inserido foi a aprovação do projeto “O Jardim do Tempo Profundo”, que busca musealizar a parte externa do museu para projeção de mais um espaço dedicado à compreensão da importância das Geociências para uma transformação socioambiental, assim como a revitalização de uma área pouco aproveitada pela comunidade. O Espaço Terra, nova área de informação em geociências, deverá ser inaugurado em março de 2012, junto com a TV Terra, programa exclusivo de notícias da Terra e dos projetos do IGEO.

A última ação nesse sentido foi o planejamento de um espaço multiuso denominado “Núcleo GeoEducAtivo”, que se adapta a diferentes atividades educativas e plurais, variando entre exposições, cursos para professores, cineclubes, oficinas, etc. Por essa flexibilidade, o espaço serve ao atendimento do público tanto interno quanto externo.

Em suma, o Museu da Geodiversidade, por meio de ações que não perderam de vista o seu contexto espacial, a UFRJ, vem possibilitando parte da revitalização do espaço físico da Cidade Universitária, permitindo assim não só o direito a museus e à memória, mas ao uso da universidade como um local de partilha de conhecimento, para projeção de um futuro mais consciente.

3 – Museografia e a Geodiversidade

Entre a geodiversidade e as exposições existe uma relação desde o tempo dos famosos Gabinetes de Curiosidades dos séculos xv e xvi, que costumavam expor uma diversidade de objetos exóticos encontrados no mundo. Neste período, as exposições estavam ligadas diretamente ao *status* social, assim como as bibliotecas pessoais e, portanto, o acesso a este acervo era restrito a uma parcela ínfima da população (MELO *et al.*, 2005).

Posteriormente, com a consolidação das ciências, estas coleções passaram a ter uma função também científica, representando recortes do mundo em um espaço confinado, e, desde então, as exposições começaram a ganhar um papel mais educativo. Atualmente, as exposições museológicas têm a função de divulgar a produção científica, tornando o conhecimento acessível à sociedade, física (através da acessibilidade do espaço) e intelectualmente (utilizando uma linguagem adequada) (MELO *et al.*, 2005).

Fazer exposições é algo extremamente complexo, pois as mesmas possuem um compromisso com a academia científica e com a população. Por isso, as exposições realizadas pelo MGeo têm os seus objetivos claramente delineados, destacando o que ela pretende passar e a quem ela se destina. Esses objetivos são os pontos que norteiam toda a exposição. Nunca é demais lembrar que a exposição é um instrumento de comunicação poderoso, capaz de realizar a ponte entre as ciências e o público-leigo, devendo estar condizente com a sua instituição e com seu objetivo.

As exposições do MGeo objetivam mostrar a importância da diversidade geológica ao longo do tempo e, principalmente, a sua relevância no cotidiano das pessoas. Procura ensinar em um contexto geral, pois não se limita ao público universitário, mas se volta para fora dos limites da Cidade Universitária, onde existe um grupo extremamente amplo e diversificado.

Hoje, dentro da política museográfica do MGeo, busca-se através da relação entre o objeto contextualizado e a linguagem adequada desmitificar as Geociências. Visando uma melhor assimilação pelo público, procura-se evitar exposições que são apenas vitrines de fósseis descontextualizadas, ou então exposições grandiosas, com tecnologia

de última geração, mas que se perdem em seu objetivo ou até mesmo não possuem um. A utilização dos aparatos tecnológicos apenas com o intuito de atrair o público acaba por restringir os resultados educacionais da exposição. Por isso, a cada nova exposição procura-se ter em mente o compromisso selado com a sociedade, onde os atrativos são utilizados para seduzir, mas como isca, de modo a envolver e cativar o público, possibilitando o contato com o objeto (seja ele rocha, mineral, fóssil ou outro) e uma melhor compreensão de todo o contexto expositivo e das Geociências.

4 – Desenvolvimento da Exposição Memórias da Terra

Após um intenso período de obras, iniciou-se em maio de 2011 as discussões a respeito da concepção de uma nova exposição, que visava apresentar a evolução da Terra ao longo do tempo geológico. Sem dúvida, ter uma equipe interdisciplinar composta por Geólogos, Paleontólogos; Geógrafos, Museólogos e Educadores possibilitou uma rica discussão sobre qual recorte realizar e qual a melhor forma de apresentar aquilo que parecia mais premente para a sociedade no âmbito do conhecimento geocientífico.

Nestas discussões verificou-se que era essencial privilegiar a comunicação com o público, pois este poderia vir a ser consideravelmente heterogêneo. O público esperado era o composto por alunos e professores das redes pública e privada de educação, mas também os estudantes e pesquisadores da própria UFRJ e de outras instituições de ensino superior. No entanto, também era desejo da equipe atrair a comunidade da Cidade Universitária como um todo para a sua nova exposição, além da população do estado do Rio de Janeiro na qual ele está sediado. Desta forma, para facilitar esta comunicação, optou-se por contar a história do Planeta Terra sob o viés estético e interativo e pautando sua museografia em três grandes pilares: conhecimento, beleza e tecnologia.

Algumas ferramentas tecnológicas de interatividade foram utilizadas buscando atrair a atenção do público, mas estas foram selecionadas com muito rigor. O objetivo era inovar, mas sem prejudicar o conteúdo expositivo e sem exagerar no uso destes equipamentos que são onerosos e exigem manutenção periódica. Infelizmente, no Brasil, é mais simples conseguir recursos para montar exposições, mas não para mantê-las. É importante pensar nisso durante o planejamento da exposição, pois o não funcionamento destes itens pode causar um incômodo hiato no conteúdo expositivo.

Outro ponto que merece destaque é a confecção dos textos. Os textos são essenciais para se compreender cada módulo. Foi um grande desafio apresentar o conteúdo científico numa linguagem acessível, buscando o equilíbrio entre simplificar demais e perder o conteúdo ou tornar o texto longo e, por isso, cansativo.

4.1 – Caminhando pelo circuito expositivo

A exposição foi desenvolvida numa área de cerca de 600m², subdividida em 12 módulos. Todos eles possuem cores marcantes que foram selecionadas em aproximação ao período correspondente na Carta Estratigráfica Internacional, quando possível.

Logo na abertura o visitante é surpreendido e convidado a adentrar a exposição por meio de um importante personagem histórico brasileiro do século xx: Monteiro Lobato.

A intenção foi a de apresentá-lo não só como um renomado autor da literatura infanto-juvenil brasileira, mas também enquanto uma figura emblemática para a história da descoberta do petróleo em território nacional.

Para materializar essa ideia, foi produzido um *software* que simula o movimento facial de uma pintura de Monteiro Lobato, ao mesmo tempo em que se ouvem as seguintes palavras: *“Olá! Meu nome é Monteiro Lobato e os senhores conhecem-me, provavelmente, apenas como o autor do Sítio do Picapau Amarelo. Porém poucos sabem que escrevi também, em 1937, o livro “O Poço do Visconde”, em que afirmo ser possível explorar petróleo no Brasil. Na época, fui desacreditado, mas hoje estou feliz por estar aqui, no Museu da Geodiversidade, onde compreendemos como nossas riquezas naturais são importantes para o desenvolvimento econômico e social do Brasil. Se, assim como eu, os senhores almejam descobrir mais sobre as Geociências, convido a todos a mergulhar nesta exposição, chamada “Memórias da Terra”, que conta a história não da terra-mundo, mas sim da terra-terra, da terra-chão”*.

No primeiro módulo, intitulado “Terra: um planeta em formação”, o visitante encontra uma representação da Terra primitiva, ou seja, de um planeta muito quente, vulcânico, que lentamente se resfriou e formou a crosta terrestre. Esse objeto cenográfico simula a existência de crateras, vulcões e fissuras em sua superfície, de onde extravasa fumaça que remete ao calor original do planeta. Soma-se a esse, a exposição de meteoritos e texto e vídeo explicando como o nosso Planeta se formou.

Anexo a este módulo, o visitante poderá vivenciar um terremoto. Esta solução, conhecida como “chão interativo”, é uma instalação imersiva que se utiliza de projeção interativa e ambiência sonora para criar nos visitantes a sensação de se estar em um ambiente vulcânico em que a crosta se abre, surgindo um rio de magma. Não há textos, nem objetos. É um momento de experimentação.

Saindo de um ambiente escuro, há o contraste de cores e luz. Este é o momento onde os “Minerais, os frutos da Terra” são apresentados. Este módulo foi concebido para impressionar pela beleza e diversidade dos minerais e, ao mesmo tempo, apresentar a importância de seus usos no nosso dia a dia (Fig. 1A). Destaca-se também a presença de uma “parede” de minerais e rochas fatiados que permitem a passagem de luz e de um geodo de ametista com mais de 3 metros, que impressiona pelas dimensões, beleza e por estar acessível não apenas ao olhar, mas também ao tato. Essa e outras amostras presentes na exposição podem ser tocadas e contempladas bem de perto, aguçando a curiosidade e ampliando a experiência em busca do aprendizado.

Chega o momento de abordar a origem da vida. No módulo “Mares do Passado” o visitante tem contato com a grande diversidade de mares e organismos aquáticos que já existiram no planeta. Não há organização temporal dos fósseis, apenas a ambiental, ilustrando a diversidade de organismos que viveram nos mares. Esse ambiente da exposição prima pela mudança de luz e cor, proposta como uma metáfora para o desenvolvimento dos oceanos, que evoluíram com a oxidação do ferro dissolvido nas águas. São expostos um grande estromatólito de composição fosfática e idade neoproterozoica (Fig. 1B) e uma formação ferrífera bandada com 2,5 Ga.

É oportuno salientar que além dos fósseis mencionados, duas outras amostras são expostas. O visitante poderá conhecer, ver e tocar marcas de ondas preservadas em um quartzito de 1,5 bilhão de anos e estruturas biogênicas formadas por organismos há 400 milhões de anos, o icnito *Astrophyucus* isp. A contextualização do conteúdo deste módulo é realizada através de dois vídeos e texto explicativos.



Fig. 1 – (a) Exposição de diversos tipos de minerais no módulo “Minerais: os frutos da Terra” e (b) “Módulo Mares do Passado”, onde se expõe um estromatólito fosfático contextualiza com o ambiente de sua formação e destaca-se a sua importância para a formação da atmosfera terrestre.

“E a Vida Conquista os Continentes...” é um módulo que trata do surgimento dos primeiros vegetais nos continentes. Nele, os visitantes também se deparam com os primeiros fósseis de vertebrados, como o *Prionosuchus*, um animal que aparentemente se assemelha a um jacaré, mas que é, na verdade, um anfíbio. Os visitantes também são levados a compreender a importância dos fósseis como evidências da deriva continental, em particular da quebra do paleocontinente Gondwana, pela exposição de fósseis encontrados no Brasil e no continente africano – o réptil Mesossauro e o vegetal *Glossopteris*.

Os visitantes também podem refletir sobre a grande extinção em massa ocorrida há 245 milhões de anos (final do período Permiano). Este episódio é abordado de forma que se possa perceber que a extinção para alguns representa a oportunidade para outros. Em meio à representação de grandes florestas de coníferas, os visitantes podem perceber répteis ainda pequenos, tímidos, mas prontos para futuramente dominar o mundo como dinossauros.

O módulo seguinte intenciona surpreender o visitante com grandes dinossauros brasileiros e mostrar que, num intervalo de tempo de 170 milhões anos, eles foram os protagonistas do nosso planeta (Fig. 2A). No entanto, aproveita-se esse momento para mostrar também a importância de outros organismos que, num primeiro momento, não chamam tanta atenção do público, como crocodilos terrestres, pterossauros e vegetais.

Mas nem só de reconstituições foi composto esse espaço. Existiu a preocupação em apresentar fósseis autênticos de pterossauros, tartarugas, peixes e insetos. Encerrando esse módulo está um espaço 3D, uma sala para projeção de filmes e documentários a respeito do Cretáceo.

Dentro do circuito existe um Paleojardim a céu aberto (Fig. 2B). Este é um ambiente de integração entre Homem e natureza, entre tempo geológico e tempo antropológico, passado e presente, descoberta e conhecimento. É um local de interação, onde os visitantes sentem-se parte do jardim, podendo caminhar sobre fósseis e descobrir sua presença em capitéis de calcário pertencentes a uma igreja jesuítica que começou a ser construída no antigo Morro do Castelo⁷. Este módulo conta também com um gigantesco painel

⁷ O Morro do Castelo foi um dos pontos de fundação da cidade do Rio de Janeiro no século XVI e abrigou marcos históricos de grande importância, como fortalezas coloniais e os edifícios dos jesuítas. Apesar disso, foi demolido numa reforma urbanística em 1921, para um melhor arejamento do Centro (NONATO & SANTOS, 2000).

que ilustra a evolução dos vegetais ao longo do tempo e também de uma amostra de rocha especial, que contém partes originadas tanto na formação, quanto na quebra no Gondwana, mostrando a datação relativa de rochas.



Fig. 2 – (a) Reconstituição do carnívoro Abelisaurus, junto a troncos fósseis. Ao fundo, ilustração de um paleoambiente cretácico (*autoria de Karen Carr*), no módulo “Mares do Passado” e (b) o “PaleoJardim”, com destaque para os fósseis de moluscos em primeiro plano e um dos capitéis em calcário Lioz da “antiga igreja dos jesuítas” demolida no início do século xx, junto com o desmonte do Morro do Castelo (Centro do Rio de Janeiro).

Chega a “Era dos Mamíferos”. Nesse módulo o visitante conhece o mamífero *Carodnia vieirai*, encontrado na Bacia de São José de Itaboraí, localizada no estado do Rio de Janeiro, onde também era extraído o calcário, matéria-prima para a fabricação do cimento utilizado na construção de edificações como o Estádio do Maracanã e a Ponte Rio-Niterói. Nesse momento, mais uma vez a integração entre Homem e geologia é enfatizada, bem como o início de uma nova era de “dominação”, agora por parte dos mamíferos.

Contíguo a este espaço encontra-se “O Monstro da Amazônia”, onde o visitante pode se surpreender ao conhecer o *Purusaurus brasiliensis*, o maior jacaré que já existiu, com 15 metros de comprimento. Ele tinha uma mandíbula do tamanho de um homem de 1,75 m de altura e pesava cerca de 7 toneladas e tornou-se o maior predador continental de todos os tempos. Sua presença demonstra como as descobertas paleontológicas brasileiras são importantes para o conhecimento da evolução da vida no planeta.

Surge na exposição o momento dos Primeiros Americanos, quando o visitante se depara com a sua história. Ele tem a oportunidade de observar artefatos arqueológicos, pinturas rupestres, reconstituições de crânios de diferentes hominídeos, uma escultura virtual da primeira americana (Luzia) descoberta e uma reconstituição de um dos primeiros macacos americanos.

“Tecnógeno, uma realidade” é o módulo da exposição onde são tratadas temáticas de interesse contemporâneo, como mudanças climáticas e utilização de recursos naturais, com destaque para o petróleo. Numa cascata de água sobre uma placa de vidro, imagens da relação entre o Homem, o tempo e o espaço provocam reflexões. Como uma alegoria da história humana, o totem “Camadas do Tempo” foi produzido para apresentar a sucessão dos principais episódios tecnológicos humanos, demonstrando como a produção do Homem perpassa uma história de criação, construção e destruição, através da arte, do trabalho e da guerra.

Um painel representando microfósseis associado à imagem de uma plataforma de petróleo e a documentários sobre a importância desse recurso natural para a nossa vida cotidiana leva à reflexão sobre a utilização de nossas riquezas minerais.

Para finalizar, televisores apresentam imagens de paisagens, de pessoas (visitantes e funcionários do IGEO), de animais e de vegetais, demonstrando como todos fazem parte desse complexo sistema Terra, o qual precisa ser preservado, como enfatiza o texto de encerramento do circuito adaptado da Declaração Internacional dos Direitos à Memória da Terra: *“Da mesma forma como uma velha árvore registra no tronco a memória de seu crescimento e de sua vida, assim também a Terra guarda a memória do seu passado. Uma memória gravada em níveis profundos e superficiais. Nas rochas, nos fósseis e nas paisagens, a Terra preserva uma memória que pode ser lida e decifrada. É chegado o tempo de aprender a proteger o passado da Terra e, por meio dessa proteção, aprender a conhecê-lo. Esta memória antecede a memória humana. É um novo patrimônio, um livro escrito muito antes de nosso aparecimento sobre o Planeta. O Homem e a Terra compartilham uma mesma herança. Todos devem compreender que a menor depredação do patrimônio geológico é uma mutilação que conduz a sua destruição, a uma perda irremediável. Todas as formas do desenvolvimento devem respeitar e levar em conta seu valor e sua singularidade”* (FRANÇA, 1991).

5 – Considerações finais

Através da união entre ciência, educação e lazer o MGeo procura preservar o patrimônio geológico através da conservação de suas coleções científicas e demonstrar a importância das Geociências para as atividades econômicas e melhoria das condições de vida da população. Para isso, atua de forma intensa na revitalização do espaço da Cidade Universitária, indo ao encontro do público e procurando chamar sua atenção para o quanto as Geociências estão presentes na vida cotidiana. Elabora exposições criativas, didáticas, atraentes e interativas para motivar a visitação e prender a atenção do público, numa incansável busca pela população das Ciências da Terra.

Referências Bibliográficas

- MELO, D. J., SOUZA, A. R. de & PINTO, F. M. (2005) – Paleontologia e Museologia: uma reflexão para as exposições brasileiras. In: PALEO MG, Belo Horizonte. Paleontologia em destaque. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Paleontologia, v. 20, p. 6-7.
- CASTRO, A. R. S. F., GRECO, P. D., ROMEIRO, E. M., DIOGO, M. C. & CARVALHO, I. S. (2011) – O Museu da Geodiversidade (MGeo – IGEO/UFRJ) nos desafios da sociedade contemporânea. In: Paleontologia: Cenários de vida. Rio de Janeiro: Interciência, III, p. 817-29.
- STUDART, D. C. (2004) – Educação em Museus: Produto ou Processo? (Dossiê CECA-Brasil). Musas Revista Brasileira de Museus e Museologia, Rio de Janeiro, 1, p. 34-40.
- FRANÇA (1991) – Declaração Internacional dos Direitos à Memória da Terra. Carta de Digne. Tradução de Professor Miguel M. Ramalho. Disponível em: <http://sigep.cprm.gov.br/apresentacao.htm>. Acesso em janeiro de 2012.
- NONATO, J. A. & SANTOS, N. M. (2000) – Era uma vez o Morro do Castelo. IPHAN. Rio de Janeiro, 2ª edição, 368 p.